

SERENIDADE E RESISTÊNCIA

A data de 27 de agosto que se aproxima recorda o nascimento de Otávio Mangabeira, em 1886. Filho de farmacêutico pobre, concluído o curso de Engenharia Civil, em 1905, demorou a receber o diploma, por dificuldades financeiras. A pobreza de recursos materiais era compensada, entretanto, pela fortuna da inteligência. Não tardou em ser professor da Escola Politécnica da Bahia, de que saíra formado. Em 1908 já era vereador, ou seja, como se chamava então, conselheiro municipal. Eleito deputado federal em 1912, na Câmara permaneceu até 1926, quando se tornou ministro de Estado das Relações Exteriores, convocado pelo presidente Washington Luís.

Vitoriosa a Revolução de 1930 e deposto o governo legal, iniciou-se nova fase na vida do baiano de talento, já figura de projeção nacional. A ascensão natural converteu-se em longo período de sacrifício e de resistência à opressão política. Da prisão foi mandado ao primeiro exílio, que se estendeu por quase quatro anos. Novamente deputado federal e sobrevindo o golpe de 1937, recolheram-no preso por meses, sem sequer ouvi-lo. Após um período de liberdade vigiada, a ditadura, por ordem policial, outra vez o obrigou a ir para o estrangeiro. Viveu entre a França e os Estados Unidos de fins de 1938 a maio de 1945, inclusive, portanto, durante a Segunda Guerra Mundial. Resistiu ao infortúnio com singular dignidade. Afrontou o poder desenvolto com cartas, manifestos, proclamações, das grades das prisões ou do banimento, em que falta se provasse contra ele.

Quando do primeiro exílio, ao lhe serem pedidas informações a re-



speito de atos no Ministério das Relações Exteriores, respondeu, em minutos, à Comissão de Sindicância, que não as prestaria, pois só devia "contas à Nação". E convidou o poder discricionário a "vasculhar" sua gestão no Itamaraty, declarando que era o único responsável por todos os atos praticados. E nada de irregular foi comprovado. No segundo exílio, já nos Estados Unidos, a ditadura tentou até tirar-se salário, na ameaça feita à direção da revista *Seleções*, para que fazia traduções, de que seria proibida a entrada da publicação no Brasil, se nela ele continuasse colaborando.

Em nenhum momento transigiu com o poder perseguidor. Do primeiro expatriamento só voltou

após a promulgação da Constituição de 1934, produto de uma Assembléia Constituinte, que decretou a anistia geral. Do segundo retornou protegido por habeas corpus concedido pelo Supremo Tribunal Federal, que anulara a sentença condenatória emanada do Tribunal de Segurança Nacional, triste instrumento da justiça de exceção. Em ambos os momentos, ao integrar-se na comunidade nacional, assumiu posto de comando e de combate nas forças de oposição ao governo. Lutou com energia, sem descomodimento. Sendo, por natureza, um conciliador, assim procedeu sobretudo como governador da Bahia. E, ao deixar o cargo, agradeceu aos ba-

ianos, sem exceção, a "benevolência" com que foi "distinguido". Do espírito de conciliação jamais se valeu, contudo, para acomodar-se com a violência ou o desrespeito ao interesse público. A postura do político atento a seus altos deveres lhe marcou todos os passos.

Entre tantas provas de equilíbrio e decisão que revelou, três merecem relevo especial, pela visão do homem público e democrata. Uma, quando reagiu, na Câmara, à primeira tentativa de cassação do mandato do senador comunista Luís Carlos Prestes, mostrando a extensão da inconveniência dessa medida, para a democracia renascente e em prejuízo da imagem do país no mundo civilizado. Outra, ao impugnar o pedido de licença para processar o deputado Carlos Lacerda, advertindo, sem acusar, do "pecado da insensatez". Mas o homem moderado era, ao mesmo tempo, de inquebrantável firmeza. Por isso, em 1959, já senador, quando tantos criticavam acerbamente a rebelião de oficiais da Aeronáutica, ele pediu serenidade no julgamento, condenando a acomodação ilimitada. Sem aplaudir a indisciplina verificada, mas ressalvando o direito de resistência nas horas próprias, confessou: "Amo as rebeliões legítimas; o que eu detesto são as acomodações exageradas".

Morto há 37 anos, em novembro de 1960, Otávio Mangabeira, mesmo para quem dele possa divergir, legou exemplo de serenidade e competência no poder e de resistência no ostracismo e no sofrimento. É proveitoso conhecer-lhe a biografia, sobretudo às novas gerações.

■ Josaphat Marinho é senador pelo PFL da Bahia